

José Eduardo Agualusa  
PASSAGEIROS EM TRÂNSITO  
Novos contos para viajar

4.<sup>a</sup> edição



DOM QUIXOTE

Um ciclista.....	9
K 40 .....	17
O homem a quem chamavam Falcão .....	29
A armadilha .....	35
A gargalhada .....	43
Os cães .....	49
Aconteceu de novo.....	55
O contrabaixo .....	63
Quase feliz.....	69
É doce morrer no mar .....	77
Manual prático de levitação.....	93
A Máquina Assassina.....	103
Nada a declarar.....	109
As cores do céu .....	115
Memórias póstumas.....	121
Os ossos do ódio.....	127
Sal e esquecimento .....	133
Outono em Barcelona .....	141
O homem sem coração.....	155
Não há fim.....	161

*Para o Rui Duarte de Carvalho, que encontrou um ciclista no deserto.*

O passado é como o mar: nunca sossega. As casas encolhem, como os velhos, ao passo que as árvores crescem sem parar. Quando regressamos, decorridos muitos anos, aos lugares da nossa infância encontramos árvores gigantescas e sufocando de terror à sombra delas as casas minúsculas que um dia foram nossas. Mal reconhecemos a cama de bonecas em que dormimos quando éramos crianças, ou o quintal, que sempre julgávamos ser imenso, e que tem, afinal, apenas dois palmos de fundo.

O meu pai dizia-me:

– A vida é uma corrida, meu filho. Quem olha para trás enquanto corre arrisca-se a tropeçar.

Eu não olho para trás. Avanço por vezes de olhos fechados, e tropeço, como os outros, e eventualmente caio, mas não olho para trás. Nunca fui pessoa de cultivar saudades. Não coleciono álbuns de fotografias, e jamais guardei pétalas secas entre as páginas de velhos livros. Sigo sempre em frente. Quando me perguntam para onde vou encolho os ombros. Rio-me:

– Adiante.

O mundo é infinito para quem viaja a pé. Eu viajo a pé, à boleia de algum camião, ou de bicicleta. Andando de camião, ou de bicicleta, o mundo parece um pouquinho menor, mas ainda assim, digo-lhe, meu bom amigo, é uma imensidão. Não tenho muitos estudos. Aprendi a ler e a contar, pouco mais. Raramente leio o que quer que seja. Quando encontro algum jornal lanço uma vista de olhos à página da necrologia. Como não conheço ninguém, como ninguém espera por mim em parte alguma, choro pelos desconhecidos, aqueles que me parecem mais simpáticos, vou pelo semblante, entende?, isto se a fotografia do defunto estiver bem impressa, ou então pelo nome. Há sempre algum José por quem chorar. Não choro de pena. Choro apenas para praticar. Enquanto viajo conto os quilómetros para eludir o tédio. Desconheço o que me espera quando cruzo uma fronteira. Impus a mim mesmo uma condição: não passar duas vezes pela mesma estrada. Cheguei há uma semana do Huambo. O senhor conhece?... Nasceu lá?! Extraordinária coincidência, sim, extraordinária coincidência, é que eu também nasci numa cidade chamada Huambo, mas muito longe deste país, nas montanhas do Peru. Tinha uma leprosaria que o Che Guevara visitou. Não há lugares repetidos. Só os nomes se repetem. Quer saber como faço para sobreviver? Estou atento. Há poucos dias um camponês disse-me apontando em redor:

– Tudo o que não é mato engorda.

Concordo. Veja bem: as mangas. Durante um mês, enquanto atravessei o Congo, comi apenas mangas. Só o perfume das mangas, se forem doces, já alimenta. Isso, ou um canavial a arder. Goiabas maduras. Também se pode sobreviver muito tempo comendo unicamente milho ou feijão. Um homem em andamento não morre de fome. Entrei em Angola, pedalando esta bicicleta. Não sabia que o país estava em guerra. É como lhe disse, acredite em mim, não leio os jornais, e quando leio passo por alto a política. A política não me interessa. Vim descendo uma estrada imensa. Estranhei não haver um carro. Ninguém naquela estrada. Quando cheguei a Luanda disseram-me que a estrada estava minada, que há anos não passava ninguém por ali, e quiseram saber como é que eu conseguira evitar as minas. Encheram-me de perguntas. Respondi-lhes: sobrevivi porque não sabia que havia minas. Se soubesse não teria conseguido. A sorte protege os arganazes. É um provérbio lá da minha terra. Ou podia ser. Em determinada altura, numa longa descida, vi que havia soldados agachados em ambas as margens da estrada. Quando dei por eles já era demasiado tarde para parar. Não parei. Cumprimentei-os, «bons dias, bons dias», e continuei. Ficaram ali, de olhos muito abertos, a verem-me passar. Fui depois de Luanda até Benguela e de Benguela ao Lubango. A seguir descí a serra e entrei no deserto. Na primeira noite dei com um acampamento de pastores. Ofereceram-me leite azedo. Na tarde seguinte parou

um jipe à minha frente. Um branco e um preto. Ficaram muito admirados por verem um tipo assim como eu, meio índio, tão longe de tudo. Também eles me deram água. Trouxeram-me no jipe até aqui, a esta cidade do Namibe. Acontece chegar a uma cidade e achar que é agradável e então deixo-me estar um mês ou dois, procuro trabalho, engordo, e sempre ganho algum dinheiro para gastar no caminho. Lavo pratos, esfrego o chão, e além disso sou um bom cozinheiro. Quando sinto que me começo a afeiçoar a um lugar despeço-me e vou-me embora. Quem não ama não sofre. Quem nada tem, não tem nada a perder. É o que penso. Um dia adormeci no topo de um enorme despenhadeiro. Acordei com a primeira luz. A manhã pouso-me no ombro, como um pássaro, e ali ficou. Diante de mim havia o mar. Atrás de mim o céu profundo, altas montanhas. Era um lugar sem exemplo, arredado do mundo, como um elefante velho que se perdeu da manada. Até àquele instante eu viajava sem saber porquê. E então, sentado sobre o abismo, ocorreu-me pela primeira vez essa questão. «O que faço aqui?» Pensei em voltar para trás. Porém, tinha caminhado de mais, e já tanto fazia recuar como avançar. Continuei em frente. Hoje viajo para saber porquê. Desaponta-o, talvez, este final – esperava outro? Se tivesse ficado lá atrás, nas montanhas do Peru, onde nasci, venderia botões, como o meu pai. Teria algo a perder, família e dinheiro, por certo sofreria mais. Quanto ao resto não sei se

seria, em substância, muito diverso do que sou. Ignoraria certas coisas, sim, o senhor tem razão, mas não me prejudicaria tal ignorância, pois nem sequer daria por ela. Talvez um dia eu pare. Talvez não.

Esta é a estória de Pedro Paulo de Noronha, mais conhecido pelo seu nome de guerra, K 40, o melhor atirador angolano. Um homem que até errando nunca deixou de acertar no alvo.

Vi-o uma única vez, rapidamente, numa ocasião em que, com um amigo, procurava uma praia, não muito longe da foz do Quanza. Foi numa tarde de sábado, seria fevereiro, talvez março. Tínhamos conseguido libertar-nos do trânsito quando o céu se abriu num súbito aguaceiro. Lembro-me, instantes depois, do fulgor húmido do sol a deslizar sobre o asfalto. Leandro, o meu amigo, apontou para uma placa, em madeira, fincada no lado esquerdo da estrada:

Fazenda Depois-do-Fim.

– É a fazenda do Pedro Paulo de Noronha: conheces? Creio que temos de atravessar uma boa parte dela para alcançar a praia.

Parou o jipe, e eu saltei e ergui a cancela. Avançámos depois, lentamente, através de uma pequena estrada, em terra batida, aberta a custo entre o mato denso. Havia cactos, altos castiçais, e, ao longe, embondeiros dispersos.

– Quem é o homem?

Leandro sorriu:

– A pergunta correcta seria: quem foi o homem?

Pedro Paulo de Noronha estava sentado, na companhia da mulher e do filho, diante de uma mesa ampla, sob um alpendre coberto por chapas de zinco. Limpou os lábios, sem pressa, a um guardanapo de papel e só então se levantou para nos cumprimentar. Era um sujeito seco, elástico, de músculos bem desenhados sob a pele queimada. Os olhos luminosos, mas esquivos, evitaram os meus. Apertou, sem calor, a mão de Leandro. A mim, apenas me acenou com a cabeça. De um tacho largo, pousado no meio da mesa, ascendia um perfume vivo, alegre, a óleo de palma. Muamba de galinha. Havia um prato com funje de bombó e outro com funje de milho. Uma tigela, cheia de água, com uma colher de sopa. Senti fome. Pedro Paulo de Noronha, porém, não nos convidou. Respondeu às perguntas do meu amigo com frases curtas. A voz era fria, ou nem isso, apenas alheia:

– Seguem em frente. Dão com um jango. Depois viram à direita, por um caminho de areia solta, com cuidado para o jipe não atolar. Dali já se vê a praia.

Voltou a sentar-se.

– Se o jipe atolar mando alguém com um tractor.

A mulher sorriu-me. Devia ter sido muito bonita. Ainda era bonita, com a nobreza melancólica de uma rainha exilada. O rapaz estava em tronco nu. Herdara

os olhos sonhadores da mãe e o perfil afiado do pai, além do desdém. Despedimo-nos e entrámos no jipe.

– Pedro Paulo de Noronha. O nome não te diz nada?!

Não, não me dizia nada. Leandro parou o jipe. A praia não era particularmente bonita. Uma fileira de coqueiros tristes, batidos pelo vento. Areia turva, com muitas folhas e pedaços de troncos. O mar, escuro, pesado, lembrava um animal nervoso, preso numa jaula, atirando, a espaços, uma patada às grades.

– Dizem que às vezes aparecem crocodilos...

– Como?!

– Crocodilos. Não sabes o que são crocodilos?! O rio, meu parente, o Quanza desagua a poucos quilómetros daqui. Os crocodilos são arrastados. Alguns conseguem regressar. Outros dão à costa. Parece que resistem bastante tempo na água salgada.

Não havia ninguém na praia. Leandro despiu a camisa. Despiu as calças e as cuecas. Vestiu um calção estampado com tucanos e palmeiras, verde e rosa. Sentou-se na areia. Os olhos fixos lá longe, no mar revolto.

– Pedro Paulo de Noronha, o campeão de tiro ao alvo. Uma medalha de prata em Seul. Também lhe chamavam o K 40. Agora já te lembras?

O K 40! Lembrava-me do episódio. Em 1975, poucos meses antes da independência, um jovem comandante do MPLA derrubou a soco um oficial português. Foi numa *boîte* frequentada pela burguesia colonial, no Huambo, na sequência de uma desavença estúpida.

Uma bela mulata. Muita cerveja. O oficial saiu, furioso, a prometer vingança, e, com efeito, regressou, pouco depois, à frente de um numeroso grupo de soldados. Alguém correu a informar o comandante: «Estão lá fora uns quarenta magalas. Vão-te matar.» O tipo nem vacilou. Endireitou-se, puxou de uma faca de mato, e, abrindo a porta, enfrentou a soldadesca:

– Podem vir – gritou. – Capo os quarenta!

Saíram as mulheres, aos gritos. Juntou-se mais gente. A noite terminou em beleza, horas depois, entre abraços e brindes, gargalhadas, cerveja a rodos, vivas a Angola e a Portugal. Pedro Paulo de Noronha saiu dali com a mulata, a honra intacta e aquele curioso nome de guerra – K 40. Voltou-se a ouvir falar dele apenas nas Olimpíadas de Seul. K 40, já com as estrelas de general, regressou a Luanda como um herói. Condecorações. Discursos. Festas e marchas. Pouco depois, porém, aconteceu-lhe uma desgraça qualquer e ele voltou a desaparecer.

– Prenderam-no, não foi?

– Afirmativo.

– O que fez ele?

Leandro encolheu os ombros. Diz-se que insultou o ministro da Defesa, diante de vários oficiais, durante uma discussão sobre a compra de material de guerra. Foi acusado de insubordinação. Também o acusaram de arrogância racista, de comportamento antipatriótico, e de ter saudades da época colonial. K 40 passou

três anos numa prisão militar. Saiu de lá feito um farrapo. Bebia muito. Deixou crescer a barba. Não falava com ninguém. Salvou-o a gravidez da mulher. No dia em que o menino nasceu jurou abandonar a bebida. Voltou a sonhar. Com o auxílio de um grupo de oficiais, seus antigos colegas, comprou um grande terreno, próximo à foz do Quanza, e assim nasceu a Fazenda Depois-do-Fim.

Leandro suspirou:

– O tipo nunca mais pegara numa arma, mas para muita gente era ainda um dos melhores atiradores do mundo, o homem que tinha conseguido uma medalha de prata nas Olimpíadas de Seul. Isso é que o lixou, coitado, o raio da fama.

Uma manhã, muito cedo, um grupo de sete homens armados entrou na fazenda. O chefe do grupo era um sujeito baixo, largo de ombros, de olhos incendiados e gestos bruscos, que contrastavam com o seu jeito de falar, num português manso, tão suave e lustroso que parecia ter sido roubado momentos antes a um seminarista. Vestia umas calças pretas, de cós muito alto, e uma camisa, imaculadamente branca, presa por dentro das calças. Postou-se com uma larga vénia diante de Pedro Paulo de Noronha:

– General, peço-lhe que aceite por obséquio as respeitosas saudações deste seu admirador, Severino Boa Morte.

Sem mais delongas, explicou ao que vinha: